

Notícias de Guimarães

ANO 21.º N.º 1078
 GUIMARÃES, 14 de Setembro de 1952
 Redacção e Núm., R. da Rainha, 56-B Tel., 4319
 Comp. e Imp., Tip. Ideal. Tel., 4381
 VISADO PELA CENSURA
 — AVENÇA —

Director, editor e proprietário — ANTONINO DIAS PINTO DE CASTRO

CENTENÁRIO DA CIDADE

1953.
 Data cronológica do nosso foral de Cidade.
 Quem diz «Cidade», diz — categoria.
 A Vila, no conceito administrativo das terras e suas populações, vale menos que Cidade.
 Ora, sendo assim, ser *vilão* ou *cidadão*, não é tudo a mesma coisa.
 Nossa responsabilidade é maior.
 Não creio que o vulgo se aperceba desta distinção.
 Tampouco os maiores costumam dar por isso.
 Razão por que há vilas que bem mereciam ser cidades e cidades que não mereciam passar de vilas.
 Quem, outrora, dava a directriz de progresso às terras, era um organismo chamado — os 40 maiores contribuintes.
 Como não havia, nem há, boa administração no ponto de vista de melhoramentos, sem boas receitas, importava e importa melhorar estas, para que entre no erário municipal um quinhão apreciável das mesmas receitas.
 Ora, como toda a derrama tributária nos concelhos carecia do veto aprovativo dos tais 40 maiores contribuintes, estes, regra geral, eram contrários ao agravamento de contribuições, pela incidência que este agravamento tinha sobre eles.
 Neste ponto bocado encontraremos, talvez, a explicação porque a *mui antiga e nobre e leal e real Vila de Guimarães* só em 1852 foi elevada à «nobiliarquia» de Cidade, quando outras Vilas de menos vulto haviam alcançado esse foral muito antes de Guimarães.
 E' que, a classificação de Cidade, faz sujeitar a derrama a uma taxa mais elevada. A classificação dos concelhos entra em linha de conta na Repartição das Finanças.
 A cidadania é luxo que se paga!
 Razão por que os nossos 40 maiores contribuintes se contentavam com os adjectivos de *mui antiga e nobre e leal e real Vila de Guimarães*!
 Festejar, portanto, em 1953, o centenário da Cidade, é simultaneamente pôr em evidência o esforço empregado pelos nossos 40 maiores contribuintes em não fazer sair o burgo antigo da sua classificação de Vila.
 Façamos, porém, tábuas rasas do que lá vai, e... festejemos o Centenário.
 Como fazer a sua celebração?
 Pelo modo como actualmente se encara a vida pública, todas as datas do calendário local devem trazer consigo — um rol de melhoramentos.
 Temos um plano municipal que no-los prometa e efective?...
 Na história nacional há celebrações centenárias que marcarão época. O centenário da Índia, o centenário Camoneano, o centenário da Fundação, ficaram sendo na

história da administração pública, ciclos de renascimento nacional.
 Outrotanto se patenteou na celebração do centenário Henriquino, da cidade do Porto.
 Está a cidade de Guimarães afoita e decidida a essas demonstrações de vitalidade colectiva?
 Estando a governança municipal algo atrasada na tarefa dos melhoramentos locais, não sendo a sua projecção para 1953 coisa que se improvise, teremos então, como mais imperiosa, a obrigação de colocar no cartaz, como n.º 1 de todas as comemorações festivas, — a Exposição Industrial.
 Todos sabemos que, hoje em dia, a capacidade económica de uma terra, ocupa o primacial lugar nas provas do seu valor e importância. Se essa manifestação falhasse em 1953, tudo o mais ficaria em posição apagada.
 E' evidente que todos os sectores da vida local têm, na comemoração do centenário da Cidade, lugar para se patentear. Os intelectuais, vencendo o prestígio cultural da celebrada Araduca, não ficam mal no ciclo das comemorações. Mas se a vitalidade económica de Guimarães ficasse no olvido, era caso para se dizer — que o cartaz do Centenário da Cidade, estava incompleto!
 Uma Exposição Industrial, impõe-se. Ela não só representaria a manutenção dos nossos velhos pergaminhos de trabalho, como corresponderia, só por si, ao melhor motivo de atracção dos visitantes à nossa terra.
 Embora falhos de melhoramentos; embora estagnados, improgressivos, quanto à laboriosidade urbanística, que, ao menos, de nós se continue dizendo — como se pôde dizer em 1884, 1910, 1925 — que Guimarães vinca, por forma excepcional, o seu valor económico!
 Estamos à prova.
 — Que vai fazer-se, em 1953, quanto à comemoração do Centenário da Cidade?...
 Li a notícia — colocada em destaque neste jornal — que na sessão ordinária do dia 14 de Agosto e por proposta do Vereador sr. dr. Carlos Augusto Saraiva de Carvalho Brandão, a Câmara resolveu conferir à comissão (das Gualterianas) o encargo da realização das festas no próximo ano, dentro do ciclo das Festas Centenárias.
 Seja.
 Mas cuidado! Nem só de «Gualterianas» vive o prestígio da cidade. O seu fulgor e bizarría, não bastam.
 O Centenário da Cidade de Guimarães pode dispensar arcos voltaicos, festões, gambiarras, foguetes, bandeiras e toiros, mas não deixará de exigir do seu escol directivo, dos seus governantes, dos responsáveis pelo bom nome da terra, que o ano de 1953 seja votado à demonstração colectiva do valor económico do concelho.
 Cumpre, por sua vez, aos

DAQUI NÃO SAIO... De como o «Fiel Amigo» doutros tempos se converteu no maior inimigo da actualidade

Os jornais diários têm-nos dado, ultimamente, a desagradável notícia de, em diversas localidades do País, terem ficado muitas pessoas intoxicadas, por terem comido bacalhau impróprio para consumo.
 E' realmente desanimador este facto, porque já se contam muitas vítimas, estando isto a produzir grande pânico em toda a gente que, por tal motivo, se está abstendo daquele prato favorito, que de cem maneiras pode ser cozinhado.
 O Fiel Amigo que, noutros tempos, tínhamos sempre à mão de semear e que o merceiro nos oferecia, em abundância para escolha, de boa qualidade, que designava por inglês, noruega e garnisé, desde certo tempo a esta parte que principiou a querer abandonar-nos.
 Sempre acompanhou, fielmente, o Zé Povo, lado a lado, mas, com a evolução do tempo, criou asas e ei-lo, voando a grande altura, a ponto do pobre Zé lhe não poder chegar.
 Que ele deixasse de ser o nosso companheiro e amigo fiel e passasse a andar arrojado, embora; mas que chegasse ao ponto de se converter em inimigo feroz e traiçoeiro capaz de nos causar a morte, isso é que já passa a ser um caso muito sério.
 Consta que as Autoridades tomaram enérgicas providências e que um rigoroso inquérito se está fazendo, para o apuramento de responsabilidades. Aguardemos, pois, o resultado do inquérito e, enquanto a limpeza se não fizer, não será mau ter cautela com a ingestão do apetecido habitante das salsas águas da Terra Nova.
 E' preciso que o esforço heróico desses bravos pescadores, que nas frotas bacalhoeiras arriscam a vida, para, em terras longínquas, buscarem o precioso peixe, não seja desvirtuado, convertendo-se um produto útil, destinado à alimentação pública, em veneno para matar.
 A saúde e a vida das populações não podem estar à mercê de desleixos criminosos. Se há culpados, como é evidente, cadeia com eles, para público exemplo.
 Que a corrupção nos explore a bolsa, mas que nos poupe a saúde e a vida.
 Com coisas sérias não se brinca e a nossa saúde e a nossa vida são as coisas mais preciosas que possuímos.
 O bacalhau, sendo alimento de ricos e pobres, é, sobretudo, prezigo das classes trabalhadoras. A estas, faltando-lhes o pão, o caldo, as sardinhas e o bacalhau, faltando-lhes o principal do seu sustento.
 Quanto ao pão, é ver o que se tem dito a tal respeito. Ainda, há bem pouco, o dr. Pacheco de Amorim, escrevendo no «Comércio do Porto», nos disse coisas espantosas sobre a forma como vinha sendo feita a sua manipulação. E quanto ao bacalhau, é aquilo que se está vendo, sentindo e sofrendo.
 E', em verdade, muito doloroso ver o povo, que procura alimento para retemperar as suas forças para o trabalho, em vez dum bom reconfortante, ingerir um veneno que o adoce e o mata.
 Lamentamos profundamente este triste acontecimento e pedimos para os culpados rigoroso castigo. Se a este desaforo e corrupção desenfreada se não cuida de pôr um dique que a sério sustenha e abafe esta pouca vergonha, não sabemos onde irá parar.
 Que Deus nos acuda com a sua infinita misericórdia.
 JOAQUIM DO VALE.

ermas desolação serrana, se multicolora em gradações e cambianças no verde intenso, no granado veludoso, no branco borboleteante e no oiro piscoso e furtivo, e sobretudo, sim, essencialmente, ao encanto subtil, ao enfeitamento insuperável, ao sonho presente e vivo, acolhedor, suave e confortante, da sua *Casa Rústica*.
 Essas horas guardam-se no
 Conclui na 2.ª página.

Eng. Duarte do Amaral
 A Comissão Central do Conselho Provincial da Casa de Entre-Douro-e-Minho, constituída pelos srs. Cons. Miguel Homem de Sampaio e Melo, Juiz Presidente do Supremo Tribunal de Justiça; dr. Luis Cincinato da Costa, professor Catedrático do Instituto Superior de Agronomia; dr. Adolfo de Andrade, Presidente do Conselho de Administração da Empresa Nacional de Publicidade; dr. Carlos Lobo de Oliveira e do ilustre vimaranense dr. Gaspar Machado, professor do Liceu Pedro Nunes, convidou o nosso distinto confrãdeo sr. eng.º Duarte Pinto de Carvalho Freitas do Amaral para fazer parte do mesmo Conselho Provincial como representante do Concelho de Guimarães.

Terminou brilhantemente o X Congresso N. dos Bombeiros

Terminada a jornada magnífica que foi o X Congresso Nacional dos Bombeiros Portugueses, uma consolação nos resta, a todos os que, de algum modo, contribuimos para o êxito dessa afirmação notável de vitalidade na ânsia de bem servir: — a de que os vimaranenses cumpriram, realmente, o seu dever, acolhendo hospitaleiramente e acarinhando, com merecidos louvores e justíssimas homenagens, todos esses valorosos Soldados de uma causa nobilíssima, representantes de uma legião respeitável de 12.000 homens de fé, generosos de coração, que se encontram espalhados pelo País sempre alerta para darem auxilio generoso, sacrificando a sua própria vida, se necessário for, para salvar a vida do seu semelhante em perigo.
 Ao vê-los desfilar, garbosamente, orgulhosos da farda que envergam, através das nossas ruas, não pudemos esconder a emoção desse momento inesquecível que perdurará na nossa memória.
 E bendissemos, então, quase numa oração fervorosa, esses beneméritos que, num mundo revolto de paixões, ódios e malquerenças, erguem cada vez mais alto o seu ideal de humanismo e prometem lutar de cada vez mais pelo seu aperfeiçoamento.
 Merecem que lhes testemunhemos toda a nossa simpatia, toda a nossa admiração e respeito.
 Honra vos seja, bravos, destemidos, heróicos Soldados da Paz, ao serviço da Humanidade!

Ainda a Sessão de Encerramento do Congresso

À sessão do encerramento do Congresso, realizada no Teatro Jordão, presidiu, conforme notícias, o Chefe do Distrito, o qual, depois de haverem falado os oradores a que nos referimos no nosso número passado, proferiu o seguinte discurso, que o adiantado da hora não nos permitiu, então, transcrever, o que fazemos hoje:
 «Entre as funções, por vezes penosas, que pelas obrigações do meu

cargo tenho de desempenhar, há algumas que, longe de me causarem mágoa, me encham de satisfação e de alegria. São todas aquelas em que tenho oportunidade de exaltar ou de premiar virtudes ou serviços. Vai-se felizmente desvanecendo o péssimo hábito que nós tínhamos, e que consistia em dizer mal do que é nosso, em fazer alusão, a qualquer propósito, às «nações mais adiantadas» ou «mais civilizadas».
 Vamos finalmente verificando que, não sendo Portugal uma nação rica em bens materiais, possui, todavia, um rico património moral, que não receia confronto com o de quaisquer outras nações. Vamos reconhecendo que não há nações mais «civilizadas» que a nossa.
 Muito antes de o Estado tomar medidas, como está tomando, de assistência social, de protecção aos pobres e desvalidos, criaram-se entre nós as Misericórdias, instituições admiráveis de solidariedade humana e de caridade cristã, destinadas a socorrer os infelizes, a dar de comer aos famintos, a vestir os nus, a visitar os enfermos e encarcerados, a tratar os doentes pobres, a praticar, em suma, as obras chamadas de «misericórdias».
 Também muito antes que o Estado, ou as autarquias locais, providenciassem no sentido de acudir aos incêndios, por toda a parte surgiram as corporações de bombeiros voluntários, corporações altamente beneméritas e que merecem o mais profundo respeito e a maior gratidão de todos.
 Um homem que, mesmo para isso remunerado, mas sobretudo quando é apenas compelido pelo amor do próximo, se lança resolutamente a um perigo, arriscando a vida própria para salvar a vida dos outros ou dos seus haveres, é, na verdade, digno de admiração e de respeito.
 Sentimos legítimo orgulho como portugueses quando vemos irmãos nossos lutar heróicamente para salvar vidas ou bens alheios, arriscando nas chamas a própria vida, pois alguns têm succumbido na luta.
 Diz-se que vivemos uma época de prazeres e egoísmo.
 Mas não é de prazer nem de egoísmo a vida de um bombeiro. E', pelo contrário, uma vida de constante perigo e de generoso altruísmo.
 Quem uma vez assistiu a um incêndio e viu como os bombeiros, dado o alarme, deixam tudo e correm para o lugar do sinistro, sobem ao mais alto dos edifícios, desaparecem no meio do fumo para reaparecerem, às vezes, com uma criança ao colo, ou com um velho ou uma mulher, a quem arrancaram

V Á R I A

Uma carta ao Dr. Nuno Simões

Assim como, prezado Amigo, os pontualistas da hora exacta quase sempre andam desacertados e os rigorosos nas praxes da cortesia muitas vezes às avessas com as normas preliminares dela, assim aqui me vê e tem na vergonhosa embaçada de não atinar com desculpas, ao menos atenuantes, para a falta dos meus tão morosos como desajeitados agradecimentos. E pois que vai já tão feiamente cometida, e sem remédio, a não ser o perdão da sua generosidade, castigo-me em penitência pública, tirando o proveito de alguma consideração de mais largo interesse. Ah! mas não sem que, antes, de todo me interdite de lhe dizer que, verdade - verdadinha, lá só minha não foi de todo a culpa de tão longo e mole atordoamento. Ela cabe mais ao sol magnífico desse esplêndido Domingo de Agosto, ao panorama alto das montanhas cerradas, ao ar forte e sacudido de agrestidão tonificante, à ponte de Cavez, onde, aos dois lados, fui encontrar, nos romeiros de S. Bartolomeu, as páginas sempre vivas do Camilo, à mudança da paisagem que, na

Conclui na 4.ª página.

A. L. DE CARVALHO.

ENSINO PROFISSIONAL

Depois de termos confiado à Redacção do «Notícias» o nosso último artigo, intitulado «A propósito de matrículas», publicaram os jornais «Um plano de fomento a executar nos próximos seis anos», e o qual, depois de submetido ao parecer da Câmara Corporativa e de ser apreciado pela Assembleia Nacional, passará a ser executado de harmonia com as directrizes no mesmo estabelecidas. Trata-se, sem dúvida, de um documento de manifesto reflexo em vários sectores da vida económica do país e nele se acentua a importante influência do ensino profissional como agente activo das exigências da técnica moderna, que não dispensa a preparação de técnicos nem o aperfeiçoamento de operários especializados, como o próprio governo o afirma na elaboração do referido «Plano» ao referir-se a esse ramo de ensino, acerca do qual diz o seguinte:

«Escolas Técnicas

O desenvolvimento económico do País está dependente em elevado grau da qualidade da sua técnica e da perfeição da mão de obra de que dispõe. Foram já lançadas com a reforma do ensino técnico profissional as bases indispensáveis à conveniente preparação de técnicos e aperfeiçoamentos de operários especializados, mas não tem sido possível até agora tirar dessa reforma o necessário rendimento por carência de edifícios escolares apropriados e de instalações oficiais devidamente apetrechadas.

Vai, por isso, procurar-se, através de várias realizações, intensificar o ensino profissional, de forma a satisfazer as exigências da técnica moderna e às próprias necessidades da obra de fomento que o presente plano se propõe levar a efeito.

O programa de escolas a construir corresponde ao plano de obras publicado em anexo ao Decreto-Lei n.º 37.028, de 25 de Agosto de 1948, combinado com o disposto no Decreto-Lei n.º 58.277, de 31 de Maio de 1951.

Não se trata, pois, de um programa completo destinado a dotar todos os institutos e escolas de ensino técnico profissional com instalações próprias e adequadas, em obediência ao preceituado na base XXIX da Lei n.º 2.025, de 19 de Junho de 1947, mas somente de um conjunto de realizações correspondentes às necessidades consideradas mais urgentes pelo Ministério da Educação Nacional.

Na ordem de prioridade estabelecida tem-se especialmente em vista obter o descongestionamento das escolas dos centros urbanos mais importantes e atender prementes necessidades que se verificam nas actuais instalações das escolas industriais e comerciais.

Abrange o programa a conclusão de várias obras em curso, a construção de onze escolas novas e a adaptação, ampliação e melhoramento de numerosas escolas existentes.

De harmonia com o esquema elaborado, os trabalhos a executar são os seguintes:

a) Conclusão de obras em curso:
3 escolas técnicas elementares, 15.000.

5 escolas novas para o ensino profissional, 50.600.

5 adaptações, ampliações e melhoramentos das escolas existentes, 12.900. Total, 78.500.

b) Obras novas:
6 escolas técnicas elementares e 2 escolas industriais femininas, 72.500.

5 escolas novas para o ensino profissional, 40.500.

Adaptação, ampliação e melhoramento de escolas existentes, 8.500. Total, 121.500.

Como se vê, é o próprio Estado o primeiro a reconhecer a necessidade de intensificar a expansão das Escolas Técnicas e de as tornar capazes — quer pela sua quantidade, quer pela sua organização e instalação e ainda pelo seu apetrechamento — de corresponderem ao papel que as mesmas devem desempenhar na vida progressiva da Nação. Prevê o citado «Plano» a importante verba de duzentos mil contos para esse fim, isto é, para valorizar o ensino profissional, tanto quanto possível, e, assim, torná-lo próspero e eficiente em todos os aspectos da sua técnica e do seu elevado alcance social.

Em face do que acabamos de expor, irá chegar a oportunidade de a Escola Técnica de Guimarães se integrar nas necessidades da obra de fomento nacional? A resposta não poderá ser dada por nós, mas sim pelos Vimaraneses que desejam a prosperidade da sua terra e designadamente por aqueles que podem dispor da sua influência pessoal e política. A ver vamos.

V. C. A.

A PEREGRINAÇÃO À PENHA

Na forma dos demais anos e com todo o esplendor, realiza-se, hoje, a Grande Peregrinação Anual à Penha, em que devem tomar parte as corporações religiosas de todo o Arciprestado e ainda outras de Fafe, Felgueiras, etc., que todos os anos costumam vir tomar parte na grande manifestação religiosa, que está integrada nas tradições da nossa Terra.

A peregrinação deve partir do Largo da República do Brasil, sob a presidência do Venerando Arcebispo Primaz, às 9 horas da manhã, devendo a chegada à Penha verificar-se pelo meio dia.

Haverá, em seguida, Missa Campal e alocução. À tarde, realizam-se em frente do Santuário Eucarístico outros actos solenes.

Na Peregrinação também deve tomar parte o Rev.º Senhor Bispo da Guarda, nosso conferrâneo, D. Domingos Gonçalves, que conforme notícias se encontra a descansar, nesta cidade, desde a semana passada.

Grémio da Lavoura

«No sentido de divulgação de métodos e sementes empregadas estabeleceu o Posto Agrário de Braga em colaboração com o Grémio da Lavoura de Guimarães, dois campos de demonstração de milhos híbridos, instalados em terrenos junto à estrada de Guimarães-Famalicão, no campo das Lameiras (junto ao Matadouro), da Gasa do Costeado, na freguesia de Creixomil, e na Casa do Celeiro, freguesia de Silvares.

Como as referidas experiências, revelam certas vantagens de que convém esclarecer a lavoura regional, o Grémio da Lavoura convida todos os agricultores interessados a uma visita a esses campos que se realizará no próximo dia 20 do corrente, pelas 10 horas e que será acompanhada por técnicos que darão os esclarecimentos precisos».

Associação Hum. dos Bombeiros Voluntários de Guimarães

AGRADECIMENTO

A Direcção da Associação Humanitária dos Bombeiros Voluntários de Guimarães vem tornar público o seu agradecimento ao povo vimaranense e a todos quantos a coadjuvaram para que os Congressistas do X Congresso Nacional de Bombeiros retirassem com tão boa impressão da nossa Terra.

A todos, pois, incluindo a Imprensa, colectividades, hotéis, pensões, etc., protesta o seu inelével reconhecimento.

Guimarães, 10 de Setembro de 1952.

A Direcção.

UM APELO

António Maria Ribeiro, internado no Pavilhão Masculino Lateral, do Sanatório D. Manuel, em Vila Nova de Gaia, pede a uma generosa senhora que se digne ser sua «Madrinha Espiritual», a caridade de

Do que leio e do que penso

Sexta-feira, 29.
Uma tarde bem passada. Mas que bela tarde foi! Co Mensário «S. Torcato». (Eu gosto mais de Torquato.) Doze páginas valentes. Poemas vários em série. Dois Estudos Arlindinos, qual dos Dois mais precioso. Na Página Final, há um Arroubo Divino!

* * *

Ontem, o Fundo do *Diário do Norte* era mais que apreciável.

Rodrigues Cavalheiro, apreciando a Obra de Oliveira Martins, dava uma lição de altíssimo valor.

São raras as lições de tal quilate.

* * *

Serras e Silva, no *Comércio* de ontem, era mais que formidável.

O Sabor e o Critério emparelhados!

* * *

Na *Flama* recém-chegada, três Marias me prenderam: a Ondina, a de Castro e a de Santa Isabel.

Qual das Três me prendeu mais?

Ainda tenho que pensar.

GERESINO.

A FESTA de Santo Antonino

A festa e tradicional romaria de Santo Antonino, realizada no domingo, no pitoresco monte do mesmo nome, decorreu com muito brilho e farta concorrência, deromeiros, tendo havido festividade religiosa, com missa, que foi celebrada pelo rev. Gaspar Nunes, e sermão, que foi proferido pelo rev. João de Oliveira, ilustrado abade de S. Romão, e, durante a tarde, um animado arraial com fogo, música, bazar de prendas, etc.

Naquele dia e na forma dos demais anos, o nosso prezado amigo sr. Gaspar Lopes Martins, o grande animador daquela festa, reuniu no local um numeroso grupo de pessoas de família e amigos, oferecendo-lhes um magnífico almoço, que decorreu num ambiente de cordialidade e comunicativa alegria.

Durante o repasto trocaram-se amistosas saúdes entre os convivas, tendo o sr. Gaspar Lopes Martins, depois de ser saudado pelos seus amigos e admiradores, manifestado a todos estes a sua viva simpatia e de sua família.

Foi recordado com enternecimento o sr. Amaro Lopes Martins, ausente em Santos (Brasil).

No final do suculento repasto foi queimada grande quantidade de fogo, oferecido pelo sr. Manuel Fernandes Porto, de Infias, cujo nome foi também motivo de saudações durante o almoço, o mesmo acontecendo quanto ao nosso prezado camarada sr. João de Deus Pereira, que este ano não pôde comparecer àquela festa.

Ao querido Amigo sr. Gaspar Lopes Martins e a sua respeitável família, queremos agradecer as atenções com que se dignou distinguir-nos.

o comunicar para ali ou por nosso intermédio.

Aí fica o seu apelo que patrocinamos deste modo.

A. CARLOS LIMA
Ex-Assistente da Faculdade de Direito de Lisboa
ADVOGADO
354 Rua de Camões n.º 86
GUIMARAES
Abertura do escritório em 17 de Outubro de 1952

Vária da cidade

Continuação da 1.ª página

coração, prolongam-se, revivem-se, prendemo-las a nós tão achegadamente, com o maior cuidado, para que não passem, durem ainda, ainda nos embalem e acalentem — e não queremos acordar, deixá-las, sentir que elas já passaram, já foram vividas... e não apenas lembrança e saudade. Como agradecer-lhas, se eu as trouxera comigo e me enfermei em fazê-las durar mais, e mais?... Não, não: não foi só minha a culpa, foi também... la a dizer, mas não digo. Mesmo agora, ao escrever estas linhas, tenho de o fazer apressadamente, assim como pesaroso e triste. A meus olhos ergue-se a linha arquitectónica dessa tão linda vivenda, em que a sobriedade, aquela nossa portuguesa, a elegância apurada do pitoresco regional e o conforto asseado, cuidadoso, afectivo, realçam a superioridade do sentimento feminino em todo o domínio do Lar, e logo nos realçam a excelência do gosto e o engenho inteligente da Grande Senhora, que é a Senhora Dona Lidia, e logo, outra vez, me prende a generosa, a tão amiga hospitalidade, em que as horas se escoam sem acordar o tempo... E não será acordar o tempo o vir dizer-lhe — muito obrigado?! Não quer ver mais?: está precisamente a acontecer-me, agora, o que lá me aconteceu. Eu não levava, é claro, nenhum discurso — ó coisa tremenda! — engatilhado para lhe dipar em brinde à queima roupa. Mas ia, tal como estava ao começar esta carta, no propósito de lhe dizer as razões do meu apreço pela acção salutar que tem exercido entre os portugueses, estudando, com larga visão e profundo conhecimento, as questões mais intimamente ligadas à nossa agricultura, comércio e indústria, sobretudo em nossas relações com o Ultramar, Brasil e Estrangeiro.

Só este ponto, que é apenas uma faceta do seu valoroso espírito e da sua profícua acção social, daria ensejo, se não obrigava, a largas considerações de interesse nacional, infelizmente, de ordinário, postergadas por somenices farfalhosas, quasiúnculas vãs ou erudições baratas, em que se perde o melhor do tempo nas palavras cruzadas dos nossos problemas vitais. Mas havia outro aspecto, mais atreitamente apegado ao meu carinho, pois se me reveste como dum aspecto familiar, ou querido e íntimo: o do nobre esforço, diligente e compreensivo, que Nuno Simões tem dispendido no estreitamento das nossas relações culturais com o Brasil. Confesso, e despejadamente o confesso, o meu fraco pelas letras e artes brasileiras. Já, em parte, e desde Coimbra, o sentia e tinha. Mas o Simão Neves, esse meu tão querido e saudoso amigo, com a perseverança, o carinho, a singular devoção de um afecto raro, por tal fama o aumentou e afervorou, que o tornou hoje em mais de vício, em paixão dominante e avassaladora. (Escuso de acentuar-lhe as mil dificuldades, neste cantinho afastado, de andar ao par das novidades, sendo certo que um colega meu e amigo muito querido, o Dr. José Pinto Rodrigues, é leitor assíduo, também, do melhor da literatura brasileira, que, em suas estantes, ocupa volumoso espaço, e, muito principalmente, do que devo à benemerente obsequiosidade do distinto Professor, Doutor Fidelino de Figueiredo, que deste seu obscuro mas sincero

Boletim Elegante

Aniversários natalícios

Fazem anos:

No dia 12, o nosso bom amigo sr. Afonso Machado; no dia 15, os nossos prezados amigos srs. Augusto de Aguiar e João Carlos Viera de Andrade; no dia 16, a sr.ª D. Maria Elisa Almeida Ferreira, os nossos prezados amigos srs. Domingos Ferra de Oliveira Guimarães, dr. Francisco Pinto Rodrigues, Simão de Almeida Ribeiro e Adão Torcato Ribeiro e a menina Maria Alberta, filha do nosso prezado amigo sr. David Martins; no dia 17, o nosso prezado amigo sr. Artur Fernandes de Freitas; no dia 18, os nossos prezados amigos srs. António Alberto Pimenta Machado, Alberto Gomes da Silva Guimarães e Manuel António de Castro, e a sr.ª D. Maria Emilia Marques Rodrigues Cardoso La-

ranjeiro, esposa do nosso bom amigo sr. Joaquim Laranjeiro dos Reis; no dia 19, o nosso bom amigo sr. Conde de Paço Vitorino; no dia 20, as sr.ªs D. Maria Delfina do Espírito Santo Alves Neves e D. Maria Fernanda Machado Teixeira, e o nosso bom amigo sr. Luís Júlio Correia da Cunha e mademoiselle Maria Adelaide Almeida Ribeiro; no dia 21, o nosso amigo sr. Manuel Fernandes de Freitas.

«Notícias de Guimarães» apresenta-lhes os melhores cumprimentos de felicitações.

*

José Torcato Ribeiro

Na quinta-feira próxima, dia 18, faz anos o nosso prezadíssimo amigo e importante industrial sr. José Torcato Ribeiro Júnior, um nome que tem sabido impôr-se à consideração do meio pelas suas excelentes qualidades de trabalho e de carácter e ainda pelos bons serviços que tem prestado à Terra, através das suas instituições de assistência.

Por tudo isto queremos compartilhar das manifestações de simpatia que lhe serão tributadas na passagem do seu aniversário, abraçando-o e felicitando-o afectuosamente e com votos das maiores prosperidades.

Partidas e chegadas

Acompanhado pelo sr. dr. Montalvão Machado, Delegado de Saúde do Porto, esteve nesta cidade, tendo-nos dado o prazer da sua visita, o nosso querido amigo sr. dr. António Paul, distinto Adjunto da Delegação de Saúde em referência e habilitado cirurgião.

Vimos nesta cidade com sua esposa o nosso bom amigo sr. Joaquim Lopes Martins, residente no Porto.

Com sua família esteve nesta cidade, tendo já regressado a Lisboa, o nosso bom amigo e conterrâneo sr. Verotido Ferreira.

Com sua esposa regressou de Tânger, tendo tomado também parte na excursão do «Vera Cruz» o nosso bom amigo sr. António Neves, residente em Vizela.

Com sua família regressou da Póvoa de Varzim o nosso bom amigo sr. José Torcato Ribeiro Júnior.

Com sua família regressou de Vila do Conde o nosso bom amigo sr. António Silva.

Com suas famílias partiram para a Póvoa de Varzim os nossos bons amigos srs. Pedro de Sousa Carvalho e António de Pádua da Cunha Monteiro.

Deram-nos o prazer de sua visita os nossos queridos amigos revs. srs. dr. Francisco de Melo e P.º Manuel Ferreira Coelho, de S. Pedro da Raimonda, e dr. Álvaro Dias, professor do Seminário de Braga.

Com sua família encontra-se a veranejar em Carregal do Sal o nosso prezado amigo e distinto

admirador se não esqueceu, quando na Universidade ilustríssima de S. Paulo.) E que esplêndido quadro, que formosa epopeia não é o movimento espiritual do Brasil! Cheio de força, de seiva, de intensidade. Dramático e gigante. Sentimos os músculos da energia no seu jornalismo, a pujança do sentimento nos seus literatos, os anseios de coração jovem nos seus poetas e o aprofundar do talento na obra maravilhosa dos seus sociólogos e cientistas. Ali trabalha-se a sério e a valer. Há uma vida espiritual, uma verdadeira vida espiritual. O homem pensa, o homem sente, o homem exprime o seu pensamento e o sentir, efectiva-o, realiza-o. E' a obra em acção de um povo admirável.

São poderosas razões estas, além das que naturalmente derivam do seu carácter forte e da sua prestantíssima amizade, para a sólida admiração que tenho por si e pela sua obra. Mas não desta feita é ainda que conseguirei manifestar-lhe o meu apreço e a minha estima...

A Trosilina «BAYER»

é recomendada pelos Serviços Pecuários para tratamentos e desinfecções contra

FEBRE AFTOSA E PESTE PORCINA

está à venda nos grémios da lavoura, nas boas farmácias, drograrias e casas especializadas

Distribuidores na Província do Minho

Campos Ferreira & Machado, L.º

BRAGA

Colégio de N. Senhora da Conceição

CAMPO DA FEIRA

PARA MENINAS

INSTRUÇÃO PRIMÁRIA E SECUNDÁRIA

Dirigido por RELIGIOSAS FRANCISCANAS

Educação familiar esmerada • Os melhores resultados nos exames oficiais • PREÇOS MÓDICOS

NOTA — Este Colégio é propriedade da Irmandade dos Santos Passos e os saldos são a sustentação do seu Asilo.

EXTERNATO DE VIZELA

Direcção Pedagógica:
(Alvará nº 1161) Dr. José Lopes Craveiro da Costa

INSTRUÇÃO PRIMÁRIA

ENSINO COMERCIAL NOCTURNO (Dec. 20,420)

ENSINO LICEAL

Os métodos de ensino postos em prática por este Externato, durante o último ano lectivo, tiveram a sua consagração nos últimos exames oficiais: *nenhum dos alunos submetidos a estes exames sofreu reprovação nos mesmos.*

PEDIR PROSPECTOS A' DIRECÇÃO

258

CASTELO DA PONTE

CALDAS DE VIZELA

notário sr. dr. Eduardo Borges de Mascarenhas.
— Regressou com sua família a esta cidade, reassumindo as funções de Comandante do Posto da G. N. R. o nosso prezado amigo sr. Alferes Diamantino do Nascimento Morgado.
— Com sua esposa e filha partiu para Monchique, com alguma demora, o nosso prezado amigo sr. Herculanio Dias de Castro Queiroz.
— Regressou de uma viagem comercial aos Açores, a esta cidade, o nosso bom amigo sr. Herculanio José Fernandes.
— Tem estado a trabalhar nas suas propriedades de Briteiros, o nosso prezado confratão e illustre clínico residente em Lisboa, sr. dr. António Baptista Leite de Faria.
— Partiram para a Póvoa de Varzim as famílias dos nossos prezados amigos sr. dr. Carlos Saraiva, Manuel Joaquim da Cunha Machado, José Neves Correia Gomes, Benjamin de Matos, Constantino da Costa Lameiras, M. de Faria, António José Trindade, Albino Fernandes, Francisco Fonseca Ferreira, Lúcio António de Carvalho, Afílio Gonçalves, João Xavier de Carvalho, Eduardo de Oliveira Machado, Martinho da Silva e António Teixeira de Sousa.
— Partiu para o Rio de Janeiro, onde vai desenvolver a sua actividade comercial, o nosso amigo sr. Rodrigo de Freitas Mendes.
— Vindo de Paris e acompanhado por sua esposa a sr.ª D. Gwendoline Mary Seguin Guise, esteve nesta cidade de visita à família,

após o que seguiu para a Póvoa de Varzim, o nosso prezado amigo sr. Francisco José de Sousa Guise, que em breve regressará ao Rio de Janeiro.
— Com sua família regressou da Póvoa de Varzim o nosso bom amigo sr. Gualdino Pereira.
— Encontram-se a veranejar na mesma Praia, as famílias dos nossos bons amigos sr. João António Sampaio, Joaquim Fernandes Marques e Carlos Gonçalves da Silva.
— Regressou do Gerez o nosso prezado amigo sr. dr. José Maria de Castro Ferreira.
— Partiram para as suas propriedades de Pencilo a sr.ª D. Maria de Lourdes Geraldo e sua irmã.
— Regressou de Tãnger o nosso amigo sr. Eduardo Ribeiro, gerente da Sociedade de Construções Cari.
— De uma digressão pelo país regressaram a Guimarães os nossos bons amigos sr. dr. Rodrigo Fernandes Abreu, Augusto Aguiar, Augusto Araújo e Luís Gonzaga F. de Carvalho.
— Com sua família tem estado nesta cidade o nosso prezado confratão e amigo sr. dr. Porfírio Henrique d'Almeida Carneiro, médico na Figueira da Foz.
— Depois de umas prolongadas férias passadas nesta cidade, regressou novamente a Santa Eulália, Leste, o nosso bom amigo Rev. P.º António Pereira.
— Partiu para a Praia da Foz do Douro a sr.ª D. Maria de Lourdes Machado Pinheiro.
— Com sua esposa regressou do estrangeiro a esta cidade o nosso prezado amigo sr. Alberto Pimenta Machado Júnior.

— Esteve nesta cidade, acompanhado por sua filha e em visita ao seu particular amigo sr. Desembargador dr. António Carneiro, de quem foi hóspede, o illustre Desembargador da Relação de Coimbra, sr. dr. Jacinto Amado de Vasconcelos Raposo.
— Com sua família regressou da Póvoa de Varzim o nosso prezado amigo sr. Manuel C. Martins.
— Com suas filhas regressou de Ancora a sr.ª D. Jerónima Ribeiro Dias Andrade.
— Encontram-se com suas famílias na Póvoa de Varzim os nossos bons amigos sr. José Oliveira, das Taipas, e António de Castro, desta cidade.
— Partiu com sua família para a Figueira da Foz o nosso bom amigo sr. Armando Coelho.
— Com sua família partiu para as suas propriedades de S. Lourenço o nosso prezado amigo sr. Belmiro Mendes de Oliveira.

Casamento

Realizou-se no pretérito dia 4, em Lisboa, na sumptuosa Igreja de Nossa Senhora de Fátima, o casamento da sr.ª D. Maria da Luz Alves da Silva Urgal, de Odeira, com o sr. dr. António de Oliveira Faria Fernandes de Freitas, desta cidade, tendo testemunhado o acto por parte da noiva seus pais, o sr. dr. Domingos João Urgal e esposa a sr.ª D. Maria da Luz Matos da Silva Urgal, e por parte do noivo seus pais, o distinto clínico vimaranense sr. dr. João Fernandes de Freitas e sua esposa a sr.ª D. Amélia de Oliveira Faria de Freitas. Conduziu as alianças a menina Maria da Conceição Barbas de Faria.
Os noivos seguiram em viagem de núpcias para o estrangeiro, devendo em breve fixar residência em Algueirão, Cintra.
Desejamos-lhes as maiores venturas.

Doentes

Tem passado incomodado o nosso prezado amigo sr. Augusto Pinto Lisboa, industrial no Pevidém.
— Vai melhor dos seus incomodos o nosso querido amigo sr. Professor José de Pina.
— Encontra-se internada em quarto particular da Ordem de S. Domingos, a sr.ª D. Maria Adelaide Mota Sampaio.

— Esteve doentinho o menino Pedro José, filho do nosso bom amigo sr. Pedro da Silva Freitas.
— Tem passado ligeiramente incomodado o nosso prezado amigo sr. Alberto Gomes Alves.
Desejamos as melhoras de todos os doentes.

Vida Católica

Festa a Nossa Senhora da Guia

Festejou-se na pretérita segunda-feira, na capelinha da sua invocação, a Senhora da Guia, tendo havido Missa Cantada em sua honra e, à noite, Exposição, Sermão, Te-Deum e Bênção do SS.º Sacramento.
Os actos religiosos foram muito concorridos pelos devotos de Nossa Senhora da Guia e a capelinha ostentava vistosa decoração.
Foi orador, muito tendo agradado, o rev. Júlio Vaz, de Braga.

Pia Associação dos Amigos do Sagrado Coração de Jesus

Realiza-se no próximo domingo, dia 21, na Igreja de Nossa Senhora da Oliveira, pelas 7 horas, a reunião mensal desta Pia Associação, consistindo de missa rezada e comunhão geral.

Falec. e Sufrágios

Viscondessa de Paço de Nespereira (D. Maria)

Na Casa do Proposto, onde se encontrava desde domingo de visita a seu filho, sr. dr. Sebastião Lobo Cardoso de Menezes, faleceu contando 88 anos, a sr.ª D. Maria da Conceição Eugénio Pereira da Silva de Sousa Menezes (Viscondessa-Mãe-de Paço de Nespereira) mãe dos srs. Visconde de Paço de Nespereira (D. Gaspar) e dr. Sebastião Lobo Cardoso de Menezes (Paço de Nespereira).
A illustre e bondosa senhora, viúva do Visconde de Nespereira, (D. João), exemplo de raras virtudes, era filha dos segundos Condes de Bertandos, neta paterna dos Marqueses de Terena e materna dos Marqueses de Penalva e de Alegrete, irmã dos falecidos Condes de Bertandos e de Tarouca e tia dos srs. Marquês de Alegrete,

Conde de Aurora e D. Sebastião de Lencastre.

Senhora de espírito culto e esmoer as suas altas virtudes mereceram-lhe de Sua Santidade Pio X a condecoração «Pro Elesia et Pontifice» e Cruz do Santo Sepulcro. Vivia há muitos anos em Braga, na Casa dos Biscaínhos, ali exercendo em larga escala a caridade para com os pobres, famílias envergonhadas e instituições de beneficência. Muito considerada, tanto em Braga como nesta cidade e em todo o norte, o seu nome, ligado a outras famílias de alta estirpe, era respeitado por toda a gente, motivo por que foi muito sentido o seu passamento.
Dotada de um espirito formosíssimo de Escritora e Poetisa, a sr.ª Viscondessa (D. Maria), colaborou em diversas revistas e jornais católicos, onde deixou muitas produções.
O cadáver da pranteada senhora, encerrado em luxuosa urna de mogno, esteve depositado na capela da Casa do Proposto, onde ontem às 11 horas, e perante numerosa e distinta assistência, constituída por muitas pessoas desta cidade, de Braga, Porto, Foz do Douro, Felgueiras e outras localidades, foi rezada a Missa do corpo presente, efectuando-se em seguida o funeral para jazigo de família no cemitério de Atougua.

No pretérito fúnebre incorporaram-se dezenas de automóveis que conduziam pessoas de família e muitas outras das suas relações.
Simplex, embora, o funeral em que se procurou corresponder à modéstia que sempre usou, na sua edificante vida, a saudosa extinta, constituiu uma eloquente manifestação de pesar.
A toda a família dorida e dum modo especial aos srs. Visconde de Paço de Nespereira (D. Gaspar) e dr. Sebastião Lobo Cardoso de Menezes (Paço de Nespereira), apresenta «Notícias de Guimarães» a expressão do seu muito pesar pelo infausto acontecimento.

António de Castro Martins

Faleceu, com 77 anos de idade, o sr. António de Castro Martins, antigo e categorizado impressor tipográfico.
O funeral realiza-se hoje, às 11 horas, da sua residência, à Ponte

Teatro Jordão

— 11.00, 15.15 e 21.30 HORAS —
APRESENTA
FLORES DO PÓ
(Tecnicolor)
Greer Garson - Walter Pidgeon
(O par ideal do cinema)
Um drama tão elevado e dum ternura tão grande, quão elevada e grandiosa foi a obra de Edna Gladney.

TERÇA-FEIRA, 16 -- 11.00 HORAS

A Rainha da serra morena
com Amparito Rivelles,
Jorge Mistral e Manuel Luna.

QUINTA-FEIRA, 18 -- 11.00 HORAS

A famosa opereta «No, No, Nanette» num filme de luxuosa encenação!
CHÁ PARA DOIS
com Doris Day, Gordan MacRay, Gene Nelson e Patrice Wymore.
O mais encantador espectáculo de há vinte anos! Um filme da mais subtil e exquisita qualidade!

SÁBADO, 20 -- 11.00 HORAS

356
Em Sessão Popular
TERROR DOS MARES

A PROPÓSITO de uma notícia

Temos há dias sobre a nossa mesa de trabalho um artigo que nos foi enviado, pelo nosso bom amigo sr. Artur Martins da Silva, de S. Torcato, com o pedido de publicação, sentindo que não possamos, neste número do nosso jornal, dar satisfação aos seus desejos, por uma arrelhadora falta de espaço.
Dar-lhe-emos a devida publicidade, pois, no número próximo.

de Santa Luzia, para o cemitério de Atougua.

Diversas Notícias

Serviço de Farmácias
Hoje, domingo, está de serviço permanente a Farmácia Pereira, ao Largo Prior do Crato, Telef. 4250.

Internato anexo ao Liceu de Guimarães
O Internato Liceal mais antigo, amplo e higiénico
EDUCAÇÃO MORAL E RELIGIOSA
Os alunos são matriculados no Liceu, no mesmo edificio
ADMISSÃO AOS LICEUS Pensão anual, 4.000\$00
DIRECTOR,
P.º José Carlos Simões Veloso de Almeida

Peregrinação pelo Termo de Guimarães

“A história do povo é a história das Instituições municipais”
Gama Barros.

A' Ex.ª Câmara Municipal
15) Of. **EDUARDO DE ALMEIDA.**

O nosso Ranemiro — Ramiro II — foi, à moda do seu tempo, cavaleiro esforçado, valente guerreiro, e homem cruel. Tendo recebido a coroa das mãos de seu irmão Afonso IV, que nele abdicara, em Zamora, como este, depois, se houvesse despojado dos hábitos monacais para de novo a tomar, ataca-o e prende-o em Leão, onde o encarcera, carregado de ferros; e quando, seus primos, os três filhos de Fruela, por tomarem o partido do vencido, são levados para aquela masmorra, a todos manda arrancar os olhos. Mas a sua indómita bravura ficou sobejamente provada em heroísmo e sangue na àspera luta que sustentou contra o árabe. Estes homens fortes e bárbaros têm afeições devotadas, carinhosas, singulares, e por vezes tocantes. Ranemiro tinha pela sua parente e colação Mumadona verdadeira estima, nobre e pura, talvez até pelo contraste da violência com a brandura, do impulso audaz com a suavidade reflectida, dos encrespados vícios do lidador sanguinário com as claras virtudes feminis. O certo é que lhe fez, sendo ela já casada com Ermegildo, a doação da vila de crexemir, importante não só pela extensão do terreno (em relação, é claro, à média das vilas nortenhas, sobretudo desta região), seiscentos hectares («Vila do Conde, Creixomil e S. Tomé de Abaço» — escreve Alberto Sampaio — com as áreas de 550, 600 e 525 hectares constituem a grandíssima propriedade), como pela fertilidade do solo e até mesmo pelo apurado do seu cultivo (de que vamos encontrar provas em documentos muito antigos), como pela sua posição topográfica e sobretudo pela vizinhança e proximidade da vila de vimaranes.

E a nossos olhos começa a esboçar-se, agora, a fundação do Mosteiro de Mumadona, a casa de Vimaranes, o burgo primitivo.

Nossos velhos cronistas, o *Cónego Gaspar Estação de Brito*, o *Padre Torcato Peixoto de Azevedo*... dão como motivo da fundação do Mosteiro um voto testamentário de Ermegildo, que foi casado com Mumadona. Esta, no cumprimento fervoroso do encargo cometido, impetrara licença de seu sobrinho e colação, o Rei Ramiro de Leão, o 2.º, que não só anuira como logo o dotara «com trinta lugares, seu Mosteiro de S. João de Ponte e a quinta de Melares, que está junto ao Douro, com seus casais, daquem e dalém do rio.» (*Memórias Ressuscitadas da Antiga Guimarães*, cap. 47.º). João de Meira emite o mesmo asserto: «Mumadona, Condessa viúva aparentada com a casa real de Leão, em observância a um voto de seu marido na hora de morrer, edificou na quinta de Vimaranes, pelo meado do século X, um mosteiro duplex, a que se recolheu devotamente.» (*O Concelho de Guimarães*, História).

Para João de Meira, como Martins Sarmiento, Alberto Sampaio e Alexandre Herculanio, Vimaranes era, então, uma simples vila rústica, na forma mais ou menos em que o romano a deixara, trazendo apenas ainda vinculado o nome germânico de um seu antigo possuidor e ocupante,

e afasta, como destituídas de senso e verdade histórica, as várias invencionices sobre seus antigos esplendores.

Se a segunda afirmação, na segura simplista da negativa, peca por excessiva e portanto inexacta, o primeiro asserto, com ser geralmente aceito e seguido, sugere e carece de algumas considerações. Estas derivam da leitura bem atenta dos documentos. E' ponto assente, e esse comprovado rigorosamente, haver sido Mumadona a fundadora do Acistério de Vimaranes. E mais até, singelamente, por devoção própria, talvez, do que por influência estranha. Não existe, escrito, o testamento de Ermegildo. O documento, citado por João de Meira — o 76 do *Portugalia Monumenta Historica, Diplomata et charta* —, e em que, naturalmente, se fundaram os outros autores citados, é o testamento de Mumadona, feito em 959 (ou seja o IX do *Vimaranes*). Deve notar-se que, na partilha de Mumadona com os filhos de seu matrimónio com Dom Ermegildo (950) não há a minima alusão ao facto. Mas o que diz Mumadona no testamento quanto ao voto do marido? Sentindo a chegar sua última hora convocou seu irmão Pelágio, o Abaue Ranualdo, Telo, Arias e muitos outros assistentes e perante eles, Ermegildo, por devoção de sua vontade, lhe ordenou: «ut omne quantia pars hereditatis nostre licentiam distribuendi haberem in pauperibus et peregrinis uidis et orphanis uel sanctorum ecclesiis.» (1) Viria a ideia da fundação do Mosteiro a Mumadona como melhor modo de cumprir o voto formulado, ou andaria já em seu desejo esse projecto, se não até em principio de realização, e tornado consequente e derivadamente mais firme e positivo? Na carta de doação de vila Melares, Ranemiro, Ramiro II, cuja data não pode fixar-se se não entre 951-950, fala já, e esse é o motivo da concessão, no monasterio vimaranes. Em doc. de 1014 diz-se que o edificara Mumadona devota «per iussione et consensum Ranimiri principis».

Devemos, pois, concluir que Ramiro II contribuiu poderosamente, ou influiu e auxiliou a devoção de Mumadona na edificação do Mosteiro, embora, por essa forma, ela desse expressão ao voto de seu marido.

São pequeninas coisas, mas de certa importância histórica. Na ampla e generosa doação do nosso Ranemiro não haverá, além do estremado affecto pela sua colação, a pungência dramática do remorso no homem impetuoso e sanguinário? Não ajoelhará ele, em espírito, ante o altar de Santa Maria, que illumina as primeiras páginas do nosso burgo e da nossa história? (Note-se que: «alguns Historiadores dizem que morrera Religioso» — *João Baptista de Castro: Mappa de Portugal*, vol. I, pág. 278). Por outro lado, sendo Mumadona senhora illustre e culta, de coração bem formado, não a moveria o horror por aquelas associações sanguinolentas e o compadecimento por tantas vítimas das carnificinas, com a esperança de aplacar a Justiça Suprema contra os desmandos de seu sobrinho e colação, ao mesmo tempo que illustrava e memória do seu marido, homem por certo cordato e tranquilo?

... «In loco predicto vimaranes...» O positivismo científico do século passado, que representa inquestionável progressão construtiva, desmentiu a própria serenidade fria do julgamento ao renegar totalmente como absurdas as explorações metafísicas do passado, de que, afinal, proviera, com o mesmo excesso com que, na literatura e artes plásticas, o realismo sacudiu, como vãs pieguices ridículas, os fundamentos sentimentais do romantismo. E' de Alexandre Herculanio esta formosa página de romance: ... «Não vedes aí ao longe, por entre a casaria da povoação e a verdura

das almoinhas, que, entresachadas com os edificios burgueses, servem como vasto tapete, onde assentam os panos de muros alvos, e os telhados vermelhos e apurados das casas modestas dos peões? — Não vedes, digo, a alpendrada de uma igreja, a portaria de um acistério, a grimpada dum campanário? E' o Mosteiro de D. Mumadona: é um claustro de monges negros: é a origem desse burgo, do castelo roqueiro e dos seus paços reais. Havia duzentos anos que neste vale viviam apenas alguns servos, que cultivavam a vila ou herdade de Vimaranes. Mas o mosteiro edificou-se, e a povoação nasceu.» (*O Bobo*). Sarmiento, depois de se referir à tradição de Araduca, a cidade edificada pelos Turdetanos trezentos anos antes de Cristo, sublinha: «Não há remédio senão confessar que tudo isto e o muito mais que se conta da Guimarães ante-histórica não passa dum acervo de patranhas, forjadas pelos adeptos de Anio de Viterbo, e que o nosso patricio produziu de-certo com a melhor boa-fé.» Mas cautelosamente acrescenta: «Não tenho escrupulo em afirmar que a primeira coisa a fazer, para estudar a Guimarães pré-romana e romanizada, é esquecer tudo quanto anda escrito a tal respeito e começar obra nova, inquirindo as tradições e os monumentos.» Exacto: as tradições e os monumentos. Não entra no propósito do modestíssimo estudo, de recolha de elementos e não de investigações, essa importante e curiosa questão. Só ateimamos em não deixar passar em julgado que, mesmo ao tempo de Mumadona, a quinta ou herdade de Vimaranes fosse simples e modestinha vila, igual e do mesmo tipo de qualquer das outras. Não precisamos de ressuscitar a lenda de Araduca (?). Basta notar-se a situação dela, como ponto convergente de uma larga cadeia de castros, a importância dos mais próximos, como o da Penha, donde se avista um extenso panorama, se não dos que teria dentro de seus próprios limites e ainda o facto de ser centro de passagem obrigatória para o norte (sem a exposição ao perigo de Braga, invejada e desejada pela riqueza da sua sede metropolitana) e de irradiações e direcções, para se verificar: «que Guimarães, antes de ser a Vimaranes de Mumadona, fosse um povoado, de cuja importância pouco ou nada se pode aquilatar», como escreveu Luís de Pina (*Vimaranes*, pág. 19), o que já é mais exacto. E isso, por agora, nos basta fixar. O que eu pretendia era afastar o acaso, o acaso da doação, o acaso da fundação do Mosteiro em Vimaranes, o acaso... da lógica de todos estes acontecimentos e dos subsequentes: o acaso, o aconteceu, puro e simples, além da falta de senso, é erro ou heresia na vida e na história da vida.

Continua.

(1) É curioso notar-se, em confronto, que na doação de Melares Ranemiro diz: «in remuneratione et vobis tolerationem, ospitum adientium peregrinorum et pauperum que ibidem in vimaranis in vita sancta perseveraverint ut memoria vestre libi sit semper.»
(2) «Araduca. Convém alguns dos Geógrafos que estivesse esta Cidade colocada onde hoje vemos a nobre Vila de Guimarães. E seguindo esta opinião Manoel de Faria, falando da sobredita Vila de Guimarães, diz:

Na aldeia da Araduca celebrada Pela rara beleza das pastoras.
O mesmo diz Filipe de la Gandara nas «Armas, e Triunfos de Galiza.» Porém Gaspar Estação segue o contrário e o intenta provar com a arrumação que lhe dá Ptolomeu na altura de 41 graus, e 50 minutos, e com 17 léguas e meia da boca do Douro, distância mui diferente da que tem Guimarães, pois dista da boca do Douro 8 léguas sómente. Fr. Bernardo de Brito diz que o que antigamente foi Araduca, é hoje Amarante: e já houve quem disse que era Aljubarrota. Eu pudera dizer muito mais, sobre ser Guimarães a antiga Araduca, por ora basta o que está dito. Vejam os curiosos ao Padre Mestre Flores, autor moderno.» Isto escreveu João Baptista de Castro no *Mappa de Portugal Antigo, e Moderno*. Donde se vê que não é exclusiva «invencionice» dos monógrafos vimaranenses.

O X Congresso Nacional dos Bombeiros

(Continuação da 1.ª página)

da morte, — quem uma vez assistiu a um espectáculo destes, — não pode deixar de sentir profunda comoção e de venerar as corporações de bombeiros, que dão tão alto exemplo de humanidade, de caridade, de coragem e de nobreza de alma e coração.

Por isso eu comecei por dizer que, entre as obrigações do meu cargo, há algumas cujo cumprimento me enche de satisfação e de alegria.

Pertence a este número a presidência a esta sessão de encerramento do X Congresso Nacional dos Bombeiros.

Agradeço a honra e o prazer que me deram convidando-me para a presidência deste acto, e dando-me ensejo para saudar, como daqui efusivamente saúdo, todos os bombeiros portugueses, agradecendo-lhes os relevantes serviços que prestam.

Oxalá continuem a honrar Portugal, mostrando que, se há no mundo homens de grande coração, prontos a sacrificar-se pelos seus irmãos, existem desses homens em grande número em todos os recantos da nossa Pátria. E não sucede o mesmo em muitas outras nações.

Faço ardentes votos porque os frutos deste Congresso sejam benéficos e abundantes, para que as corporações de bombeiros, disseminadas por todo o País, continuem a prosperar e possam, cada vez melhor, exercer a sua missão, tão cheia de beleza e grandeza.

Vivam as corporações de Bombeiros de Portugal.

Está encerrado o X Congresso Nacional dos Bombeiros.

A Missa Campal, junto ao Castelo

As solenidades de domingo começaram com a Missa Campal que o Venerando Arcebispo Primaz, Reverendíssimo Senhor D. António Bento Martins Júnior celebrou junto à Igreja de S. Miguel do Castelo de Guimarães, num cenário histórico cheio de grandeza e de tradicionalismo.

O Prelado que foi recebido no limite do concelho pela Direcção da Ass. Humanitária dos B. V. de Guimarães, chegou ao local da Missa às 10 horas precisas e foi cumprimentado por diversas individualidades e saudado pela guarda de honra constituída pelos comandantes de numerosas corporações. Momentos após começou a Missa, sendo o Prelado acolitado pelos Revs. Arcipreste, António Luis de Sousa, Comandante e Capelão de uma das corporações de Voluntários de Lisboa, P.º Luis Gonzaga da Fonseca, Prior de S. Paio e P.º Veloso.

Em lugares reservados tanto do lado do evangelho como da epistola tomaram lugar: Presidente e Vereadores da Câmara Municipal; Comandante da P. S. P. dr. Francisco Zagalo, Conservador do Registo Civil, que representava o Comandante do Batalhão 13 da L. P.; Capitão Almeida Cassar, Presidente do Congresso; Comandante José Braz, representante da Liga dos Bombeiros Portugueses; Direcção da Associação H. dos B. V. de Guimarães; P.º José Carlos Simões de Almeida, Director do Internato Municipal; Manuel Alves de Oliveira, representante da Direcção da S. M. S.; António Emilio Ribeiro, Presidente do Grémio do Comércio; António José Pereira Rodrigues, Presidente do Conselho Fiscal da mesma Associação; dr. Fernandes Martins, de Coimbra, e Demétrio de Vasconcelos, da Póvoa de Varzim. Por último falou o Presidente da Câmara Municipal que, encerrando os brindes, agradeceu as referências feitas à cidade de Guimarães e a todos os presentes significou o seu grande reconhecimento.

A sala e as mesas viam-se vistosamente decoradas com plantas e flores e pratos, num conjunto de fino gosto.

Ao fundo, formando espessa cortina, viam-se os estandartes de muitas e prestimosas corporações do País.

Terminada a missa, os bombeiros desfilarão ante o Primaz das Espanhas, que se via ladeado pelas autoridades e pelos Comandos dos Bombeiros.

A tarde, centenas de bombeiros e viaturas desfilarão pelas ruas em parada

A parada das Corporações de Bombeiros realizou-se à tarde com desfile grandioso pelas ruas da cidade, tendo sido o espectáculo presenciado por milhares de pessoas que se juntaram ao longo do percurso. Abria o longo cortejo por uma banda de música — a dos Voluntários de Guimarães, com seus capacetes de metal — seguindo-se-lhe os clarins e logo dezenas de estandartes gloriosos de gloriosas corporações, os comandantes presentes em Guimarães, em número de muitas dezenas, as corporações de Bombeiros do Norte e do Sul, grande parte das quais chegaram nesse dia a Guimarães, as Bandas de B. V. de Riba d'Ave, Vizela e Taipas, e, por fim, uma longa fila de viaturas — mais de 60 viaturas do Sul e do Norte de Portugal.

Cerca de mil bombeiros, aprumados, marcharam garbosamente pelas ruas da cidade.

O espectáculo foi grandioso e deu motivo a muitas aclamações, tendo repicado festivamente os sinos das igrejas e ecoado no espaço salvas de morteiros.

Nas casas, todas embandeiradas, viam-se as sacadas emolduradas por frisoas de senhoras que deram, com a sua graciosa presença, uma nota elegante neste número brilhante das Festas dos Bombeiros de Portugal.

A noite teve lugar um Banquete oficial

Realizou-se à noite, no Restaurante Jordão, um banquete oficial, oferecido pelo Município aos congressistas e em que se reuniram uns 120 convivas, tendo presidido o sr. dr. Augusto Ferreira da Cunha, Presidente da Câmara Municipal, ladeado por diversas individualidades desta cidade e de fora.

Na altura própria falaram os srs. dr. João Mota Prego de Faria, presidente da Ass. H. dos B. V. de Guimarães; Cap. Almeida Cassar, presidente do Congresso; Comandante Dias Ferreira, das Caldas da Rainha; António Emilio Ribeiro, presidente do Grémio do Comércio; P.º João Lindoso, capelão dos B. V. de Guimarães; António José Pereira Rodrigues, presidente do Conselho Fiscal da mesma Associação; dr. Fernandes Martins, de Coimbra, e Demétrio de Vasconcelos, da Póvoa de Varzim. Por último falou o Presidente da Câmara Municipal que, encerrando os brindes, agradeceu as referências feitas à cidade de Guimarães e a todos os presentes significou o seu grande reconhecimento.

A sala e as mesas viam-se vistosamente decoradas com plantas e flores e pratos, num conjunto de fino gosto.

Ao fundo, formando espessa cortina, viam-se os estandartes de muitas e prestimosas corporações do País.

Arraial Minhoto

Seguiu-se um arraial minhoto na Parada dos Bombeiros Voluntários que esteve muito concorrido e animado. Foi abrilhantado por uma banda de música e por grupos regionais;

A figura adorável de José de Pina

José de Pina, o prestimoso e querido Comandante Honorário dos nossos Voluntários não pôde, mau grado seu e de todos, estar presente no Congresso, mas acompanhou em espírito todos os seus actos e não deixou de assomar por mais de uma vez à janela da sua casa para apreciar as manifestações. E era vê-lo, então, verdadeiramente emocionado, de lágrimas nos olhos, a contemplar a marcha dos seus camaradas.

Mas José Pina, símbolo de muitas virtudes, não foi esquecido nem nas sessões do Congresso nem nas derradeiras horas da confraternização a que o mesmo deu origem. A sua personalidade foi exaltada por diversos oradores, com verdadeira simpatia, respeito e veneração.

De tudo é merecedor o homem bom que à sua Terra e aos Bombeiros jamais negou a sua utilíssima colaboração.

Notas dispersas

No final da Parada efectuou-se o anunciado passeio dos congressistas a Vizela, digressão essa que a todos deixou a mais grata impressão não apenas pelas belezas que puderam apreciar mas, ainda e sobretudo, pelas atenções e gentilezas com que foram cumulados.

— No sábado, dia 6, à tarde, a

Vamos matutar!...

NOTÍCIAS DE GUIMARAES

N.º 13

Direcção de: Jaime dos Santos Ribeiro Dias (JARIDI) Correspondência para Cubo — Vieira do Minho

CHARADISMO — RECREIO — PALAVRAS CRUZADAS

Os hieroglifos comprimidos...

Sai hoje, pela primeira vez nesta secção, um hieroglifo comprimido. Para resolver esta difícil e curiosa modalidade de problemas é necessário um bocado de experiência. Portanto é difícil qualquer explicação por escrito. Apenas direi que teremos de induzir sempre uma palavra de cada rectângulo apresentado com os respectivos termos que englobe. A disposição diferente das palavras no rectângulo poder-nos-á dar, por vezes, soluções diferentes.

PALAVRAS CRUZADAS

| | | | | | | | | | | | |
|----|--|--|--|--|--|--|--|--|--|--|--|
| 1 | | | | | | | | | | | |
| 2 | | | | | | | | | | | |
| 3 | | | | | | | | | | | |
| 4 | | | | | | | | | | | |
| 5 | | | | | | | | | | | |
| 6 | | | | | | | | | | | |
| 7 | | | | | | | | | | | |
| 8 | | | | | | | | | | | |
| 9 | | | | | | | | | | | |
| 10 | | | | | | | | | | | |

(Dedico a «Sinhador Romântico» — Lisboa)

Horizontais: 1) Intumescida. 2) Elo apertado; vislumbre (pl.). 3) Suspiros; compreende. 4) Expedi; maior. 5) Líquido incolor que se obtém pela destilação de um acetato; cidade onde partiram os hebreus, na Caldeia. 6) Letra grega; redija. 7) Unidade monetária do Japão; amacias. 8) Estás; partida. 9) Entrada; observa. 10) Ultrapassages.

Verticais: 1) Invadiriéis. 2) Saliência anterior da garganta; soes. 3) Goste; apótema (abrev.). 4) Máquina antiga de guerra; composição poética cantável. 5) Viscosa; andar. 6) Ditongo oral; illustre. 7) Elogio; duros. 8) Campeão; sufixo. 9) Enaltece; oia. 10) Amedrontasses.

«Jaridi»

Charada aferética

Ser «bravio» é envolver-se constantemente no «perigo». 3-2 «Mada» — Viana do Castelo

Hieroglifo comprimido

Estás Pronome Reles

Charada combinada

- + la — impulsão
- + mo — alto
- + do — cubo
- + mo — diabo

«O Infeliz» — Póvoa de Lanhoso

Soluções do n.º 12 — PALAVRAS CRUZADAS — Horizontais: 1) Garagens. 2) Arderas; ag. 3) Má; i; rás; r. 4) Uno; sr.; era. 5) Ri; e; avias. 6) A'tomo; e; is. 7) Dor; pé; uva. 8) A; ali; r; or. 9) Sã; empossa. 10) Remoerão.

PROVERBIO: Onde muitos cospem, lama fazem.

CHARADA AFERESADA: cubata → bata.

CHARADA ADICIONADA: cata + logo → catálogo.

«SOCIEDADE AGRICOLA DE SUMOS MANUEL RIBEIRO DA CUNHA, LI.ª»

Por escritura de 27 de Agosto de 1952, lavrada pelo notário da Secretaria Notarial da Póvoa de Varzim licenciado José Alberto da Veiga Leite Pinto Coelho, foi alterado o parágrafo único do artigo oitavo do pacto desta sociedade, por forma a ficar com a seguinte redacção:

«Parágrafo único — Nos actos e documentos que envolvam responsabilidade para

a sociedade, é necessária e suficiente a assinatura do sócio Manuel Ribeiro da Cunha, para que ela fique obrigada».

Póvoa de Varzim, 29 de Agosto de 1952.

O Notário, 347

José Alberto da Veiga Leite Pinto Coelho.

D. Olinda Amélia de Oliveira Ribeiro

Sua família, na impossibilidade de agradecer pessoalmente a todas as pessoas que a acompanharam na sua grande dor, quer cumprimentando-a em casa, na Igreja e no cemitério, e recendo incorrer em qualquer falta, vem por este único meio cumprir essa obrigação, protestando a todos a sua maior gratidão e o seu maior reconhecimento.

Guimarães, 12 de Setembro de 1952. 367

Ofertas e Procura

Caldeira

Vende-se uma caldeira para gerar vapor, podendo servir para alimentar uma estufa, produzir vapor para tinturaria, branqueação ou calandra.

Quem pretender queira dirigir-se à Fábrica de Curtumes de António José de Oliveira, Filhos, rua de Vila Flor — Guimarães, onde se encontra para ser examinada. 441

COLÉGIO DUBLIN PARA MENINAS

BRAGA — TEL., 2347

Curso Primário, Liceal e Conservatório de Música

Lavores Femininos e Arte Aplicada

359

Está aberta a inscrição

Reabre no próximo Outubro

HÉRNIA

Para um bom tratamento. Para a conter perfeitamente e não mais pensar nela

O MODERNO MÉTODO MYOPLASTIC-KLEBER

pela sua acção discreta e confortável, reforça a parede abdominal enfraquecida, mantendo os órgãos no seu lugar

COMO SE FOSSE COM AS MÃOS

Esta pequena cinta anatómica, de reputação mundial, sem mola nem pelota, flexível, leve, lavável, convém a todos os herniados directos, operados e aos ptóticos. Criada e fabricada pelo célebre

INSTITUT HERNIAIRE DE LYON — França

é aplicada em Portugal desde 1949, pelo mesmo Especialista francês que vós podereis visitar nas Farmácias Depositárias abaixo mencionadas. O ensaio da MYOPLASTIC é absolutamente gratuito e sem qualquer compromisso.

PORTO — Farmácia Sousa Soares — R. Sta. Catarina — Dias 15, 18, 20, 26 e 27 de Setembro.

GUIMARAES — Farmácia Hórus — L. do Toural — Dia 17 de Setembro.

355



Rádio-Receptores Ingleses

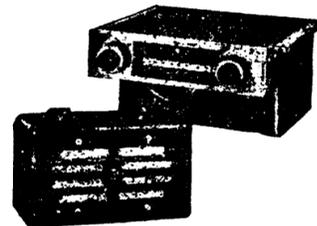
de suprema qualidade

Modelos de Mesa

Radiogramofones

Portáteis de Mala

Modelos para bateria e para Automóvel



DISTRIBUIDORES GERAIS NO NORTE:



ELECTRORIA L.

R. de Santo António, 71 — Porto — Tel. 25800

AGENTE EM GUIMARAES:

JOÃO DA COSTA

Técnico de Rádio graduando pela NATIONAL SCHOOLS

CONCEIÇÃO

TELEFONE, 40522

Agentes Transitários e Camionistas

Entrepagam-se do desembaraço de mercadorias, por Exportação e Importação.

Sua Recolha ou entrega no Domicílio.



Casa fundada em 1828

ESCRITÓRIOS: Rua Nova de Alfândega n.º 67 — PORTO

com Armazém de Retem e Depósitos

(Área coberta: 3.000 metros quadrados.)

EM MATOSINHOS:

14

R. de Brito Capelo n.º 912 e R. de Roberto Ivens n.º 903

Telefones: 21073 e 21074 — Mat. 847 — Est. 57

Vende-se Terreno para edificações.

Moto-bomba «Bernard» 2 H. Moto D K W com demarrear. Preços muito acessíveis. (Informa esta Redacção). 342

DESAPARECEU

Um perdigueiro de 5 meses, amarelo, no dia 9 de Setembro na rua P.º António Caldas. Pede-se à pessoa que dele tenha conhecimento entregá-lo na mesma rua, n.º 12, a Miguel Geraldo Guimarães, que procederá a todo o tempo contra quem o retiver. 358

VENDE-SE

1 prédio, com água, luz, garagem, lojas e quintal, na Rua da Caldeirã n.º 35 e 37. Falar nestes números. — Guimarães. 555

ANUNCIAL NO NOTÍCIAS DE GUIMARAES